



FLUXO ORGANIZACIONAL DE EMERGÊNCIAS EM ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO BRASIL ENTRE 2015 E 2025: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Fernanda Wolff da Silva Arruda / UBS Jardim Comercial - São Paulo/SP

Eixo Temático: Saúde do Adulto

Introdução

A Atenção Primária à Saúde (APS) constitui a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) e, devido a isso, as Unidades Básicas de Saúde (UBS) podem se deparar com situações de elevada gravidade. Diferentemente dos serviços hospitalares, as UBS frequentemente apresentam limitações como por exemplo estrutural e organizacional, dessa forma são elaborados fluxos próprios de cada região com o intuito de otimizar a resposta do cuidado em cenário de emergência.

Objetivo

Revisar evidências disponíveis na literatura de 2015 a 2025, sobre organização do fluxo de atendimento às emergências em UBS, com ênfase em código azul, identificando aspectos de organização, recursos e capacitação.

Métodos

Trata-se de revisão da literatura, realizada a partir de estudos indexados nas bases PubMed/MEDLINE, LILACS e SciELO. Foram considerados os descritores “parada cardiorrespiratória”, “atenção primária à saúde”, “emergência”, “código azul” e “suporte básico de vida”, além de seus equivalentes. Foram incluídos estudos publicados entre 2015 e 2025, relacionados ao atendimento de situações de emergência, especialmente parada cardiorrespiratória (PCR)/código azul, no interior de UBS brasileiras.

Resultados

Os estudos identificaram dificuldades recorrentes no atendimento de urgências e emergências nas UBS, relacionadas tanto à estrutura disponível quanto ao preparo das equipes. Entre os principais aspectos descritos estão a ausência de protocolos formais, a insuficiência de materiais e equipamentos adequados e a falta de rotinas de simulação. A ausência de desfibrilador externo automático (DEA) também foi descrita em grande parte dos cenários avaliados.

Conclusão

Embora as evidências disponíveis ainda sejam limitadas, os estudos analisados apontam de forma consistente para fragilidades estruturais, organizacionais e relacionadas à capacitação das equipes de APS para o atendimento de emergências. Os achados reforçam a relevância da estruturação de protocolos institucionais para atendimento de PCR e outras emergências, da disponibilidade de equipamentos mínimos, incluindo DEA, e da realização periódica de capacitações em SBV nas UBS.

Resultados

Em relação ao processo de trabalho, evidências apontam que o conhecimento teórico, a experiência prévia e a organização da equipe desde o acolhimento até o suporte avançado influenciam a qualidade da resposta à PCR. Habilidades não técnicas, como liderança e comunicação, também apresentam relevância nesse processo. Estudos de capacitação em Suporte Básico de Vida (SBV) demonstraram melhora significativa do desempenho cognitivo e prático dos profissionais durante simulações de PCR. Entretanto, revisões da literatura apontam que as iniciativas de capacitação em urgência e emergência na APS ainda são frequentemente pontuais, isoladas e não institucionalizadas.

A literatura analisada converge para um cenário de fluxo de emergência ainda pouco formalizado na APS brasileira. A ausência de protocolos padronizados, equipamentos essenciais e capacitação periódica pode fazer com que a resposta inicial dependa predominantemente do conhecimento individual e da experiência prévia dos profissionais, em vez de um fluxo institucional previamente estabelecido e replicável. Esse contexto pode repercutir na segurança do paciente e dos próprios profissionais durante situações de emergência.

Principais dificuldades recorrentes no atendimento de urgências e emergências nas UBS:



Acesse o trabalho na íntegra!

